

ARTISTAGENS, ESCRILEITURA E PÓS-CURRÍCULO: BATE-PAPO COM SANDRA CORAZZA

Thiago Oliveira
thoagoaoc@ufpa.br

Conheço Sandra Corazza desde 2010 por seus escritos sobre diferença e currículo, que despertaram minha curiosidade e mobilizaram minha atenção. Desde então, tenho acompanhado sua produção sempre inusitada e criativa, ao tratar de temas como educação, escola, currículo, docência, infância, literatura e arte. Sua escritura é marcada pela irreverência e descontração, o que dá outro sentido ao acadêmico, agora povoado por personagens cheios de mistérios como as feiticeiras. Esse bate-papo promete. Quem no campo curricular não conhece Sandra Corazza? Ela é licenciada em Filosofia, com pós-graduação em Educação, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Pesquisadora de Produtividade do CNPq, e Coordenadora Geral do Observatório da Educação. Sandra tem experimentado composições entre Filosofia, Educação, Escrileitura, Currículos Nômades e Devir-Infantil, juntamente com outros colaboradores no Grupo de Pesquisa DIF – artistagens, fabulações, variações. Neste bate-papo, falaremos sobre estes e outros temas intrigantes em educação e currículo.

Thiago - Primeiro gostaria de dizer de meu imenso prazer neste nosso bate-papo, que começou a alguns anos, motivado pelos nossos interesses teóricos em comum, especialmente pela Filosofia da Diferença. Começo pela sua anunciada formação em Filosofia. Foi esse início que a levou ao encontro da Filosofia da diferença?

Sandra - Por uma questão de princípio filosófico, detesto falar de mim, pois o tal “eu” costuma, quase sempre, ser uma armadilha ou, mesmo, uma prisão identitária. Um modo de aliviar esse caráter identitário do “eu” é lembrar que, quando ele é mencionado, aglutina muitos “eus”: meus e, mais ainda, de outros. Assim, com essa salvaguarda, digo que a Filosofia da Diferença acontece em minha trajetória de estudos da história da filosofia, desde o curso Normal e a Licenciatura em Filosofia. Porém

aparece, com mais consistência, em minha vida profissional e intelectual, nas ondas dos estudos do grupo de colegas professores do Departamento de Ensino e Currículo, da Faculdade de Educação da UFRGS, no início dos anos 90. Grupo que estudava e discutia, com Tomaz Tadeu da Silva, em seus desbravamentos, coletas e traduções, o pensamento contemporâneo, advindo de abordagens pós-nietzschianas. Estudos que tomavam os pensadores de final dos anos 60, tanto em língua anglo-saxã, quanto francesa, italiana ou outras línguas, e que traziam os seus conceitos e pontos de vista para o campo da Educação e das Ciências Humanas. De todo modo, em meus percursos, como alfabetizadora de crianças, jovens e adultos, além de professora das séries iniciais do Estado do Rio Grande do Sul, durante 21 anos (antes de ingressar no Ensino Superior), eu já havia passado por várias correntes e tendências, tais como: o existencialismo, a fenomenologia, o marxismo, o materialismo dialético, a educação popular, o freireanismo, o construtivismo epistemológico e pedagógico, a psicanálise freudo-lacianiana, e assim por diante. Essas andanças teórico-operatórias acabam por me cansar, por me darem uma gastura, um tédio, uma sensação de “já deu”, diante daquela perspectiva, daquele autor ou grupo de autores, ponto de vista ou perspectiva, etc. Então, em meu modo de funcionar, torna-se necessário que eu mude de trilha, que eu passe para outra dimensão, de modo a continuar me movimentando, pesquisando e ensinando, pensando e escrevendo. Para que tudo continue a ter graça...

Thiago - Então, em 2002 veio o DIF. Um dos objetivos do grupo é ser *espaço-tempo* para fazer circular o inverossímil no currículo. Esse inverossímil tem sido possibilitado pela conexão inusitada entre Nietzsche, Deleuze, Foucault, Beckett, Proust, Kafka, Wolf, Fellini e os demais autores acionados em seu grupo? Há uma referência privilegiada hoje? Essa aventura tem sido produtiva e proporcionado alegrias?

Sandra - Um exemplo recente dessa gastura, da qual falava na resposta anterior: acabo, nos últimos dois anos, de estudar e de ensinar o Deleuze das obras e textos com/entre o cinema e de, em consequência, trabalhar com o conceito de “imagem”, em sua deleuziana taxionomia. Parece que, para mim, já deu de Deleuze que, praticamente, venho estudando desde o ano de 2000. Parece que, nesses 13 anos, já acertei minhas contas com o seu pensamento e que, agora, eu venho me repetindo, quando falo de suas produções e conceitos, e assim por diante. E isso não implica que eu pare de estudar aquele autor, de adquirir as suas obras ou as dos estudiosos que dele falam, nem de toma-lo

como trampolim, em alguns momentos das pesquisas ou em textos, como acontece com Nietzsche, Foucault, Barthes, os pré-socráticos ou os estóicos, toda a literatura e poesia, a quem retorno sempre; ou com Bergson, Freud, Lacan ou Marx, a quem retorno menos seguidamente; mas é que há muitos outros autores e obras, que me chamam, que me esperam nas pilhas de livros e de textos, e para os quais preciso me voltar, coletar e comprar livros, fazer novas pilhas que esperam na bancada do escritório; e que, sei, vão potencializar mais as possibilidades de pensar, de pesquisar e de escrever em Educação. Assim, no momento, me aguardam: do lado da teoria literária, a crítica genética e seus sucedâneos; do lado do conceito de espaço, as obras de Gaston Bachelard, como “A poética do espaço”, “A psicanálise do fogo”, “A água e os sonhos”, “O ar e os sonhos”, “A terra e os devaneios da vontade”; do lado dos irmãos Campos, as teorias da tradução e a poética do traduzir; do lado da Educação, por fazer, a Didática da Tradução Transcriadora (na qual venho investindo no momento); e, mesmo, do lado de Deleuze, ainda estou precisando voltar ao conceito de signo, espalhado em sua obra, para dele falar na junção de AICE (Autor-Infantil-Currículo-Educador). E por essas vias e desvios sigo, desses modos que são tudo, menos quietos. Desde que ensinar é falar e escrever do nosso próprio *work in process*.

Thiago - Os Professores e Professoras, por aí, são receptivos à sua proposta? Por aqui há certa birra, pois argumentam ser impraticável, pois muito abstrata ou incompreensível. A que se deve essa postura?

Sandra - Primeiramente, algumas sensações minha acerca de sua indagação: 1) adorei a expressão “birra”! 2) Depende do que entendemos por “professores receptivos”, não? 3) “Impraticável”, “abstrata” e “incompreensível” são expressões deliciosas, das quais gostei muito! (Risos.) Na medida em que entendo que aquilo que escrevemos, falamos, dançamos, performamos é, justamente, aquilo que não sabemos, que não entendemos ainda, que não conseguimos praticar (felizmente!); e é por isso que pesquisamos, sem parar... Assim, me esforço para que a expressão daquilo que eu estiver pesquisando, naquele determinado momento, seja efetivamente estranha, incompreensível, na primeira visada, e bizarra mesmo! Penso, que só dessa maneira “estranhadora”, conseguimos propor e praticar um dar-o-que-pensar, um dar-o-que-interrogar, um dar-o-que-se-inquietar. Se não for assim, será o consenso; se não, será o apaziguamento; se não, será o pacificamento; será dar o que já se tem, o que já se pensou, o que já se sentiu, o que já se desejou, o que já se falou, escreveu, cheirou... E isso é

que é tedioso, e isso é que é matador, e isso é que é arrastar cadáveres de pensares, sentires, querereres. Então, é isso mesmo, é disso que se trata, de ser impraticável, abstrato e incompreensível. Uma anedota: quando eu falo, por exemplo, numa conferência, e meneiam afirmativamente as cabeças, ou, no debate, concordam com o que eu disse, eu fico extremamente preocupada! E me pergunto: “o que é que eu estou fazendo? Quais as concessões que estou fazendo ao senso comum, ao consenso, ao mundo da opinião, das ideias feitas, das ideias prontas, das metanarrativas? Por que é que estão me entendendo, aceitando o que digo e concordando comigo? E não se trata de uma síndrome “vanguardista”, pois já passei da idade para isso; trata-se do vitalismo de se sentir vivos e desafiados.

(OBS. Veja as mais novas performances, usadas como forma de expressão e de conteúdo, feitas por minha turma do Seminário Avançado de 2013/1 “Pedagogia da imagem e dos signos: aparições de Deleuze no cinema”, em https://www.facebook.com/escrileituras.obeduc?ref=tn_tnmn, na primeira “Mo(n)stra Performática de Cinema: Aparições de Deleuze”, realizada, agora, em 04, 11 e 18 de junho de 2013.)

Thiago - Passemos a outras curiosidades. O livro *Artistagens* traz a *Introdução ou apresentação, sei lá...*, de Tomaz Tadeu; nesta, ele diz que você gostaria de ter sido Nietzsche, Woolf, Joyce e Deleuze, entre alguns outros. Como você compõe o espaço para a ação a partir desses autores?¹

Sandra - (“Curiosidades”? Nossa, sinto-me uma atração bizarra de circos antigos! – E quem diz que não é isso que somos, quando respondemos a uma entrevista? – Seguimos.) Eu não posso responder por aquilo que o prefaciador (ou algum dos seus heterônimos) escreveu, mas posso dizer que amo codinomes, dentre os quais “Nietzsche, Woolf, Joyce e Deleuze” poderiam ser apropriados e usados por mim, claro, com muita alegria. Seguem alguns codinomes que eu venho usando, durante esses anos e cujo inventário aparece no livro coletivo, com o meu grupo de pesquisa, que organizei com Julio Groppa Aquino, da USP, que saiu pela Autêntica, em 2011, intitulado “Dicionário das ideias feitas em educação”, qual seja: “Sandra Mara Corazza. Opera por cognomes, que mudam com a oscilação dos humores; temperatura dos autores de sua perdição; fluxos de auto-variação; galopes através da impermanência: Sándor Márai, Mara Lobo, L’AurAmara, Sa(lama)ndra, Seráfita, SanMarCor,

Andra Ara Orazza, Sayoomara Corazkai, Sch'na, Maradea Nunc Sum, Sandice M.C., Senhora de Zarcoza e Maráy, San, e assim por diante, lados, trás”.

Thiago - Há uma crítica que diz que no currículo cabe tudo ou quase tudo. Cabe literatura, poesia, pintura, música e cinema da forma como você propõe no DIF. Essa conexão entre currículo e arte não pode gerar demandas excessivas para o currículo?

Sandra - Não sei se “cabe” tudo, sei que querem “botar” quase tudo no currículo, fazendo dele um amontoado de conteúdos, quase todos de fundo moral, dentro da nefasta matriz platônica, que divide o mundo entre bem e mal, julgando o tempo todo, feito o Juízo de Deus, para lembrar Artaud. Agora, quanto em relação ao grupo de pesquisa, fundado em 2002, “DIF – artistagens, fabulações, variações”, queríamos abrir a Educação e, nela, o Currículo, à multiplicidade de inspirações, fazendo aparecer os movimentos que a pluralidade de áreas, que a transversalidade das formas de expressão do mundo e da matéria nos fornecem. Queríamos (e, ainda, trabalhamos para isso) não fazer grandes coisas idealizadas, mas, simplesmente, ser dignos daquilo que a humanidade tem de mais bonito, que são as suas criações, as suas produções criadoras multifacetadas, sem fronteiras disciplinares ou outras que tais. Evidentemente, não se trata da mesma direção de quem pretende que o currículo dê conta de “educação para o trânsito”, “ética e cidadania”, “alfabetização digital”, “educação sexual”, história dos “afro-descendentes” ou “indígena”, e assim por diante.

Thiago - Daí para a artistagem docente, então, é um passo?

Sandra - Sim, pois, na medida em que saímos dos caminhos já sulcados, o que mais nos resta, para continuar em movimento, vivendo movido com paixões alegres, trabalhando com élan vital? Se imitar, copiar, fazer decalque, chafurdar nos clichês, repetir o mesmo não funciona mais, por termos explodido os cercados e as segmentações territoriais do currículo, só nos resta artistar, não é mesmo? Se não, você para, como educador, se burocratiza, torna-se cansado, triste, pesado, grave, senta, chora, culpa os outros... A lei da vida docente vívida, e que vale a pena ser vivida, poderia ser: artistar, de vez em quando, ao menos, para continuar vivo. (Risos).

Thiago - Como você tem, também, articulado em seu grupo de pesquisa, a relação entre leitura, escrita e diferença, que você chama de escreitura. Fale um pouco mais sobre isso?

Sandra - Temos trabalhado, desde 2011, ao redor do Projeto de Pesquisa-Ensino-Extensão, intitulado *Escreleituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*, vinculado ao programa Observatório da Educação da CAPES-INEP, na Faculdade de Educação da UFRGS. Projeto que funciona, especialmente, por meio de Oficinas (e de Autoficinas), cujos procedimentos implicam o campo do vivido, dos sentidos, das sensações e das invenções; solicitam um tempo que não é o cronológico, mas o da duração; autorizam-se a fazer atravessamentos na ortodoxia dos textos, para existir a seu modo; reivindicam outras possibilidades de inscrever signos e de escriturar sentidos.

De alguma maneira, o ingresso do grupo de pesquisa nesse Projeto Escreleituras veio dar forma à atenção e aos cuidados, que vínhamos tendo, desde sempre, no DIF, com essa articulação à qual te referes: entre leitura, escritura e diferença. Acontece que levamos a sério o que Deleuze e Guattari dizem: que a forma de expressão puxa a forma de conteúdo para aquilo que é inédito e que pode criar, dar a novidade para pensar.

O Projeto constrói alternativas para as dificuldades de aquisição e utilização da linguagem, que envolvem leitura, escritura e interpretação; variações contínuas de temas e imagens; singularizações de leitura e raridades de escritura; processos de pensamento, relações espaciais, temporais e históricas; sensibilidade para as artes, como modos de criação; formulação e desenvolvimento de problemas, nas Ciências Humanas, Sociais e Exatas.

A denominação central do Projeto, qual seja “Escreleituras” deve-se ao fato de se tratar de escritas e leituras singulares, produzidas por um escritor-leitor ou leitor-escritor. Escreleitura, que é autoral e, portanto, impossível de ser imitada e de funcionar como modelo de leitura ou método de escrita. Por isso, operamos com leituras férteis e fertilizadoras, escrituras inspiradoras, agitadoras de ideias e impulsionadoras de experimentações, advindas de diversas áreas, avaliadas por sua capacidade de traduzir acontecimentos; produzir efeitos artísticos; transformar forças em novas maneiras de sentir e de ser; engendrar diferentes práticas de educar e revolucionárias formas de existência.

Os resultados dessas escreleituras, produzidas nas Oficinas, são considerados textos que reivindicam posturas multivalentes de coautoria entre leitor e escritor, para se transformarem em exercícios e experimentações de pensamento. A concepção de escrita-pela-leitura (ou de leitura-pela-escrita) supõe textos abertos às interferências do leitor; logo, escrevíveis de múltiplos modos e traduzíveis para diferentes línguas.

Thiago - Porém, como você argumenta no livro *Os cantos de Fouror: escreitura em filosofia-educação*², esse tipo de escritura “libertina” tem causado escândalo na academia. Sabemos, você e eu, as muitas razões para essa postura, mas gostaria que você falasse um pouco mais sobre a principal delas.

Sandra - Não sei se “escândalo” seria o termo. Já não gosto mais de falar assim, pois, de algum modo, a “academia” pode, por vezes, ser fascista (e o é), mas, se tem uma coisa que não ela é, é ser burra, assim como não consegue manter a univocidade. A academia não é burra nem unívoca, por isso, possui espaço e tempo também para esse tipo de escritura. Evidentemente que a nossa batalha é constante, sem trégua e mais dura do que para aqueles que só escrevem em um único gênero acadêmico-científico; mas essa condição nos obriga a aprender a arte dos driblamentos, dos ajustes e das composições; de modo que, com os nossos palimpsestos, vamos construindo a aceitação (mesmo que goela abaixo). Como digo para os meus alunos e orientandos, desde a Graduação até a Pós-Graduação: “se a tua produção tiver consistência conceitual e operatória, ninguém vai conseguir rejeitá-la”. Claro que, por vezes, a gente erra a mão e, daí, é pau! Claro que, às vezes, são postos bilhetes desaforados (e anônimos) nas paredes da Faculdade de Educação, por ocasião de alguma atividade ou lançamento de livro, como quando fizemos a vernissage do “Dicionário das ideias feitas em educação”, e puseram nas paredes e elevadores da FACED: “Dia tal, será lançado mais um bobajol da professora Sandra Corazza e de seus fiéis escudeiros”. Claro que, às vezes, a gente erra o alvo e manda um artigo para um periódico ou para um evento, tão, mas tão qualificados, tão elevadamente qualificados, tão hierarquicamente superiores, que esse seu estatuto não lhe permite engolir uma escreitura ou uma pesquisa, que não estejam, afinadamente, dentro dos parâmetros “normais” requeridos. Daí acontece desqualificações de nossas escritas e as correlatas rejeições, por certo; mas fazem parte da luta. Então, tornamos a enviar os textos, por exemplo, para “Margens” ou para “Artifícios” (risos) do DIFERE da UFPA, por exemplo, que sejam mais simpáticos e acolhedores daquilo que produzimos; ou, então, damos jeito de publicar alguns livros (“Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins”, Autêntica, 2002; “Linhas de escrita”, Autêntica, 2004; “Didaticário de criação: aula cheia”, 2012; ou “Os cantos de Fouror”, que você refere); e coletâneas de nossos trabalhos mais ousados (como o “Abecedário da diferença em educação”, Papyrus, 2010; ou “Fantasias de escritura: filosofia, educação, literatura”, Sulina, 2010). A gente nunca

sabe qual “L” da CAPES será, mas não importa, fazemos os livros mesmo assim. (Risos.) Seguimos desse modo porque já não conseguimos escrever mais de outro jeito; então, catamos periódicos e comitês editoriais que têm alguma reserva para este tipo (como dizes) mais “libertário” de escrita e de produção e vamos em frente... Que atrás vem gente e não é gente muito bonita... (Risos.)

Thiago - No livro *Composições você e Tomaz Tadeu*³ tecem escrituras sobre currículo e infância guiados por Deleuze e Guattari. Sei que é possível experimentar e compor uma escritura curricular dissolvendo a autoria, mas quais dificuldades enfrentaremos neste percurso?

Sandra - Por um lado, dissolver a autoria é sempre complicado, numa sociedade que se pretende autoral, mas que é massiva e “rebanhal”, em última instância. Penso que a autoria original não existe, mas que fazemos textos que acabam sendo nossos, tenho o nosso sinete, no imbricamento dessa ultra intertextualidade que vivemos. Ou seja, venho trabalhando na direção que nossas escrituras nada mais são do que traduções que fazemos de outros textos, de outros discursos e de outras culturas; sejam interlinguais, intralinguais ou semióticas. Então, desde a perspectiva tradutória, são raros os textos criados, assim como é rara a criação, de um modo geral. Por isso, temos a sensação, lendo literaturas (e não apenas educacional) que já vimos aquilo em algum outro lugar e tudo fica pacificado e o pensar não se mexe dos gonzos do já-pensado.

Thiago - Na Conferência *Currículo na contemporaneidade*⁴ você mostra algumas fotografias do cotidiano e tece explicações considerando a globalização e a pós-modernidade desse novo século. Você afirma que o tempo pós-moderno cria o *Desafio da Diferença Pura*, momento de ver os diferentes que estão entre nós, em nossas casas, nas ruas, na escola. São os homossexuais, negros, índios, pobres, mulheres, loucos, doentes, deficientes, prostitutas, marginais, aidéticos, migrantes, colonos, criminosos, infantis-adultos. Essa é a diferença do pós-curriculo. O pós-curriculo é palpável ou é uma ficção?

Sandra - Tanto é “palpável” que o “pós-curriculo” está ao alcance de nossas mãos, olhos, braços. Ele fica em nossas aulas, casas, telas, classes, camas. Vivemos nele e com ele, desde que ele vem depois (melhor: desde que ele acontece, irrompe, emerge depois) daquela concepção de currículo que tínhamos, desde as teorias clássicas e críticas em Educação, e antes que a diferença pura desafiasse

a sua “realidade” e a tornasse intolerável e impraticável. Ninguém está inventando que o pós-curriculo existe ou, pior, que ele “deva” existir, ou, pior ainda, que devemos trabalhar em prol de que ele exista. Não se trata disso e sim que as teorias contemporâneas, dentre as quais, o pensamento da diferença, nos fornecem uma lente compreensiva e uma nova sensibilidade, as quais nos permitem ver e sentir esse pós-curriculo, que age, há mais de meio século, em nós, no socius e em nosso mundo.

Thiago - Digo isso porque, como você mesma diz, o pós-curriculo requer leveza, alegria e bom humor. Como é possível esta descontração em uma escola hiper-racionalizada?

Sandra - Não considero que a escola seja “hiper-racionalizada”. Acho que a escola se esforça para ser assim, mas que, felizmente, ela nunca conseguiu. Por um motivo muito simples: a escola não tem como ser racionalizada, desde que ela é uma obra humana, feita por humanos, desde que é coisa-feita, como um artesanato, uma macumba, como o círio de Nazaré. É que a escola é como a vida da gente: leve, alegre, bem humorada, descontraída; e, também, pesada, triste, de mau humor e tensa. Tem como ser de outro jeito? Acho que não.

Thiago - Há diferença entre pós-curriculo e curriculo nômade? Sei que ambos fogem do controle e são marcados pela desterritorialização. Mas os dois marcam o devir?

Sandra - Sim, os dois carregam como marca a força posta mais nos devires do que nas estratificações. São dois nomes para dizer de um entendimento do curriculo, desde o pensamento da diferença pura; logo, um entendimento que não atenta, nem se esforça por sentir as relações de poder, as formações de saber e os modos de subjetivação em funcionamento; mas, tenta criar uma nova sensibilidade que rompa a casca-grossa que nos fizeram ter, diante do acontecimento, dos fluxos e das variações contínuas. É muito difícil traduzir isso em pesquisa e em docência, na área da Educação e no campo do curriculo, mas vimos experimentando fazê-lo, como o DIFERE e outros grupos malucos de pesquisa, espalhados por aí (risos). É que, aqui, tanto em pesquisa, quanto na docência (e uma não existe sem a outra), a porca torce o rabo, visto que todos os nossos canais perceptivos foram configurados para perceber as formas e, quase nunca, o informe, que é o que nos amedronta e nos

traz riscos e insegurança. Seguimos o dito de Nietzsche: “crie uma nova sensibilidade e estarás criando um novo pensar”.

Thiago - O pós-curriculo é o mesmo curriculo alternativo-oficial do qual você fala no livro *O que quer um curriculo: pesquisas pós-críticas em educação*⁵?

Sandra - Não. Primeiramente, não, porque o “curriculo alternativo-oficial” em questão, naquele trabalho (apresentado, pelo GT Curriculo, em uma sessão especial tumultuada, durante a 23ª Reunião Anual da ANPED, em setembro de 2000; pelo qual, aliás, fui muito criticada), era o curriculo anteriormente “alternativo” do Partido dos Trabalhadores (e dos educadores, ditos de esquerda, durante décadas), que se tornava “oficial”, ou que subsumia, em sua grande barriga, tudo o que nós, educadores de esquerda, havíamos defendido, como “alternativo”, em décadas anteriores. Ou seja, mostrei, via pesquisa da discursividade de 13 pontos, a dificuldade dos tempos que se anunciavam e que haviam chegado, os quais tornavam similares o curriculo que se fazia nacional (tal como requerido pelo neoliberalismo) e que era expresso pelos PCNs do MEC, durante governo de Fernando Henrique Cardoso, e o curriculo do Movimento Constituinte Escolar do governo petista do Rio Grande do Sul. Resultava que ambos os curriculos acabavam propondo quase a mesma Educação, amalgamada pelo hibridismo entre o curriculo oficial e os alternativos, antes motores de luta e de devir-revolucionário. Hoje, mais de uma década após, como se vê, curriculos que se encontram completamente hibridizados, ainda mais por efeitos das avaliações nacionais, como ENEM, Prova Brasil e que-tais. Por último, porque o pós-curriculo, ao contrário do “alternativo-oficial” mantém o seu espírito revolucionário, ao invés de entreguista e de a-criticidade, acima de qualquer suspeita.

Thiago - Eu ficaria horas conversando sobre esses assuntos que tanto me agradam, mas tenho mesmo que ir encerrando, infelizmente. Mas gostaria de ouvir mais sobre como educadores e educadoras podem acreditar no mundo, na escola e na educação, vendo nesses espaços, movimentos e possibilidades, intensidades e muita imaginação, inspirados em Deleuze, Guattari e Foucault.

Sandra - Sem acreditar, nada de “acreditar”; mas, simplesmente, de viver o “mundo” e de fazer/praticar/experimentar/pensar a “escola” e a “educação”, “vendo nesses espaços, movimentos e

possibilidades, intensidades e muita imaginação”. Sei que, para responder à esta questão, usei a tua própria formulação, mas acontece que ela é muitíssimo adequada e pertinente. Trata-se disso mesmo: de fazer e de viver tanto o mundo, a escola como a educação, já que “acreditar” diz respeito a um mundo, a uma escola e a uma educação ideais, que nada têm a ver com o pensamento da diferença em Educação.

Thiago - Agradeço muito sua disponibilidade e amabilidade quanto à esse bate-papo, esperando que logo estejamos juntas em alguma banca de exame aqui por Belém do Pará.

Sandra - Amo Belém do Pará. Amo seus rios e a sua Casa das 11 Janelas. Amo a UFPA. Amo a Polichinello. Amo sua gente, o povo que gravita ao redor da beleza e da energia de Josenilda Maués, o povo do lindo Carlinhos, do cavaleiro Jorge (Eiró), de Jadson e Vilma, de Gil e Ney, de Nilson Oliveira e de todos mais. As forças ressentidas e vingativas têm trabalhado contra a minha volta para Belém. Mas, eu volto, um dia... Gostaria de deixar, aqui, esperando que seja publicado, um poema, chamado “De bubuia”, que escrevi, no vôo de retorno a Porto Alegre, por ocasião de minha primeira ida à Belém, em 2008, e que carrega tanto do que aí aprendi de novo e muito do que vivi da intensidade de afetos. Agradeço, Thiago, a tua entrevista e o cuidado competente que tiveste ao elaborá-la. Entrevista, tão cuidada e apurada, que fiquei duas tardes e parte de uma noite (05 e 06/06/2013) com ela, nela e por ela. Valeu!

Porto alegre, 06 de junho de 2013, 18h25min.

¹ Cf. CORAZZA, S. M. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

² CORAZZA, S. M. **Os cantos de Fouror**: escritura em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS, 2008.

³ CORAZZA, S. M.; TADEU, T. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

⁴ CORAZZA, S. M.. Currículo na contemporaneidade. **Conferência Formação Continuada**. UNIFEBE (Brusque) e FURB (Blumenau). Brusque, Blumenau, SC, 21, 22 de julho de 2008.

⁵ CORAZZA, S. M. **O que quer um currículo?** pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.